

EMPREGO DE BLINDADOS NO HAITI – OPERAÇÃO LIBERTÉ

Carlos Alexandre Geovanini dos Santos,
Major de Cavalaria do Exército Brasileiro.
capgeovanini@hotmail.com

*“Fazer a paz não é assunto para soldados, porém somente eles podem fazê-la!”
(Dag Hammarskjold)*

Em dezembro de 2004, a situação em Porto Príncipe era bastante delicada. A quantidade de tropas presentes na capital haitiana ainda era bastante reduzida para atender a todas as demandas de segurança da população. A MINUSTAH (Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti) aguardava a chegada de mais efetivos, além da troca dos atuais contingentes, para realizar uma operação mais robusta, visando o controle da região de Cité Soleil e início das ações humanitárias de maior envergadura naquela comunidade carente.

O escopo deste artigo é o de repassar aos leitores o significado desta operação para a MINUSTAH e para a tropa brasileira. Outro objetivo é o de evidenciar os preciosos ensinamentos colhidos com o emprego real. Para tanto, faz-se uma caracterização do ambiente operacional, das forças envolvidas, bem como da missão atribuída. Por fim, apresenta-se o que foi planejado e aquilo que aconteceu de fato, destacando as lições aprendidas.

Ambiente Operacional

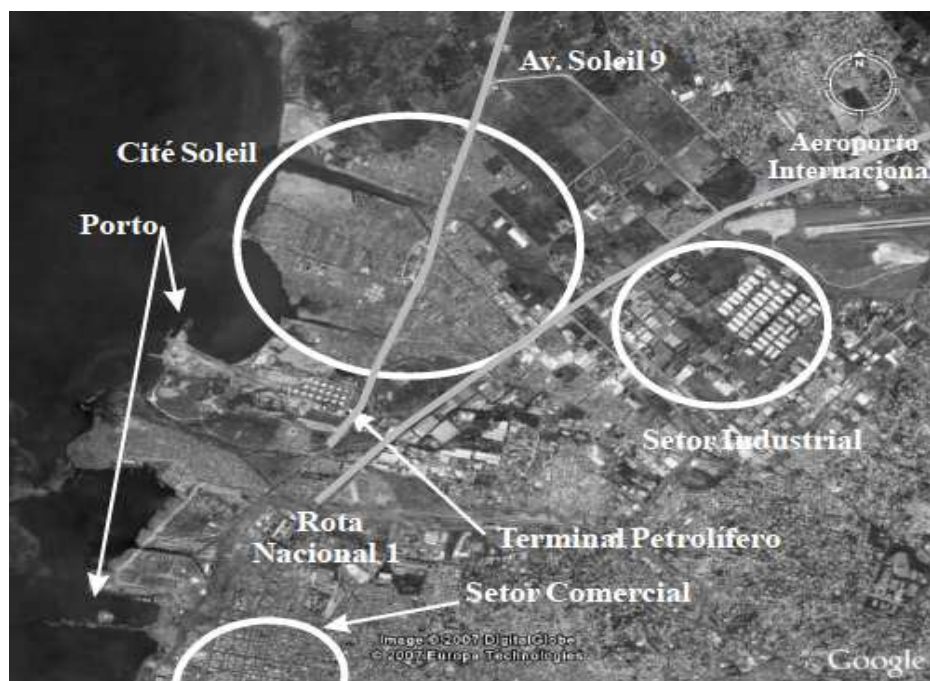
O bairro de Cité Soleil é uma das principais comunidades carentes da cidade de Porto Príncipe. Estimativas feitas em 2004 apontavam para uma população de aproximadamente 250 mil habitantes, distribuídos em uma área que compreende 6 quilômetros quadrados. Limita-se à leste com o aeroporto internacional ToussaintL`Overture; à oeste com o mar do Caribe; à sul com o terminal petrolífero de Varreux e instalações da zona portuária. Como limite sudeste apresenta-se o bairro de Cite Militaire. A rota nacional número 1 é uma via expressa, larga, asfaltada, que flui de sudoeste para nordeste e margeia toda a extensão do bairro.

O posicionamento de Cité Soleil é privilegiado. Ao norte passa pela comunidade a principal saída para a rodovia que liga os balneários turísticos do país à capital. A quase totalidade do fluxo comercial da fragilizada economia haitiana passava pelo porto. Na instalação petrolífera concentra-se grande quantidade de petróleo, indispensável a um país que conta com uma precária malha rodoviária para o transporte de suas poucas riquezas e cuja produção energética está baseada em usinas termelétricas. Na região adjacente de Cite Militaire encontra-se um parque industrial, que, embora modesto, é um dos principais dinamizadores da economia local. Pela Rota Nacional 1 circula grande quantidade de mercadorias, turistas e habitantes da capital, uma vez que ela liga a principal zona comercial de Porto Príncipe (região da rua J.J. Dessalines e adjacências) aos bairros residenciais da área norte da cidade, bem como às principais saídas rumo ao interior. Logo, é lícito concluir que o controle de Cité Soleil é vital para a economia do país caribenho, haja vista a grande soma de riquezas que circulam nas proximidades do bairro.

O terreno apresenta-se plano em toda sua extensão. Há a presença de dois grandes canais, que dissociam o movimento e definem compartimentos do terreno. As ruas são em geral permeáveis aos blindados, embora haja terrenos restritivos junto às áreas alagadiças, criando verdadeiros atoleiros. À época, uma imensa quantidade de lixo estava espalhada pelas ruas, dificultando a mobilidade de nossas tropas.

O padrão de urbanização é irregular, com inúmeros becos, que se ramificam de forma desordenada. As construções são rudimentares, algumas de madeira e zinco. Destacam-se poucos prédios de alvenaria, alguns com 3 ou 4 andares, que se constituem em excelentes postos de observação e dos quais se tem o comando de boa parte do bairro.

De maneira geral, os limites da zona de ação compreendiam aproximadamente 2 km de largura por 3 km de profundidade.



Caracterização da região de Cité Soleil

Forças adversas

Em dezembro de 2004, o bairro de Cité Soleil era uma área instável da capital haitiana. Constituía-se em excelente região de homizio de gangues armadas, que praticavam toda sorte de delitos. Inicialmente, realizando ações com a tática de atirar e fugir, elas tinham a capacidade de imobilizar a capital, destruindo instalações e transportes públicos, além de deliberadamente provocar pânico na população com assassinatos aparentemente aleatórios. Sob a liderança de Dread Wilme, as gangues se uniram, passando a realizar ações mais ousadas contra as forças da MINUSTAH. Diante dessa situação, devido ao pequeno efetivo de que dispunha à época, esta não tinha capacidade militar de efetuar uma ocupação sistemática da área.

Os *Chiméres*, como eram chamados os elementos dessas facções criminosas, apresentavam um bom grau de organização em Cité Soleil. Quanto ao armamento, dispunham de fuzis automáticos 7,62 e 5,56mm, a maior parte antiga, porém bastante eficientes. Contavam também com metralhadoras automáticas calibre 7,62mm. Alguns informes davam conta da probabilidade da utilização de armamento anticarro do tipo lança-rojão RPG-7, o que não se verificou até o presente momento. Na esfera afetiva, destacavam-se pela coragem com que agiam contra as forças legais e pelo fato de envidarem todos os esforços para recolher o corpo dos companheiros tombados e o armamento abandonado no campo de batalha.

Outra tática comum era o emprego de seteiras no alto das casas. A maioria delas havia sido construída com tijolos vazados, devido ao calor característico da região (45°C). Nesses espaços, os atiradores rebeldes posicionavam o cano do fuzil e atiravam, tornando muito difícil sua localização. Também não se via o clarão dos disparos, pois algumas armas eram dotadas de dispositivos quebra-chamas.

Com a finalidade de restringir a mobilidade das forças da MINUSTAH, as gangues patrocinaavam a abertura de fossos nas ruas, bem como o acúmulo de lixo em pontos previamente selecionados da zona de ação.

Diante do quadro descrito acima, Cité Soleil era considerada uma porção da capital onde não prevalecia o exercício da lei, obrigando grande parte da população a permanecer recolhida em seus lares e sob constante terror imposto pelos líderes das facções criminosas locais. Por óbvias razões de segurança, as agências humanitárias da ONU e órgãos do governo haitiano não se faziam presentes na área, agravando a situação e contribuindo para a manutenção do círculo vicioso da pobreza.

Forças amigas

Na ocasião em que foi desencadeada a operação Liberté, os contingentes mais expressivos na capital haitiana eram os do Brasil, Sri Lanka e Jordânia. O batalhão jordaniano era composto por quatro subunidades, sendo duas mecanizadas (cerca de 24 veículos). Utilizavam o blindado Rattel, de fabricação sul-africana, 6x6, armado com um canhão de 20mm. Como particularidades, a viatura apresentava no compartimento do motorista uma janela dotada de vidro especial capaz de resistir a impactos de projetis 7,62mm e conferia excelente campo de visão para o motorista, quando este deveria dirigir escotilhado. A blindagem era bastante robusta. A tropa jordaniana era tida como

especialista em operações urbanas e tinha como característica o uso intensivo do armamento para cobrir seus deslocamentos.



“Ratel” de fabricação sul-africana, utilizado pelas forças Jordanianas

O efetivo brasileiro nesta operação havia recentemente chegado ao Haiti. Era integrado por tropas oriundas do Comando Militar do Sudeste (CMSE). As subunidades empregadas eram aquelas que já estavam operando há mais tempo em Porto Príncipe, em média 7 dias. Portanto, ainda inexperientes. O batalhão era composto por quatro subunidades operacionais, num total de 150 militares por Subunidade, subdivididas em quatro pelotões de fuzileiros. O Esquadrão de Fuzileiros Mecanizados era dotado de 16 veículos blindados VBTP EE-11 Urutu, 6X6, de fabricação nacional, e totalmente revisados pelo Arsenal de Guerra de São Paulo. O armamento era a metralhadora 7,62mm MAG.

Para o cumprimento da missão, a unidade recebeu elementos de engenharia em reforço para proporcionar a mobilidade de nossas forças. Não pudemos contar com apoio aéreo aproximado; apenas um posto de comando tático embarcado em aeronave foi estabelecido.



PelFuzMec pronto para patrulhar as ruas da capital Haitiana

Missão e intenção do Comandante

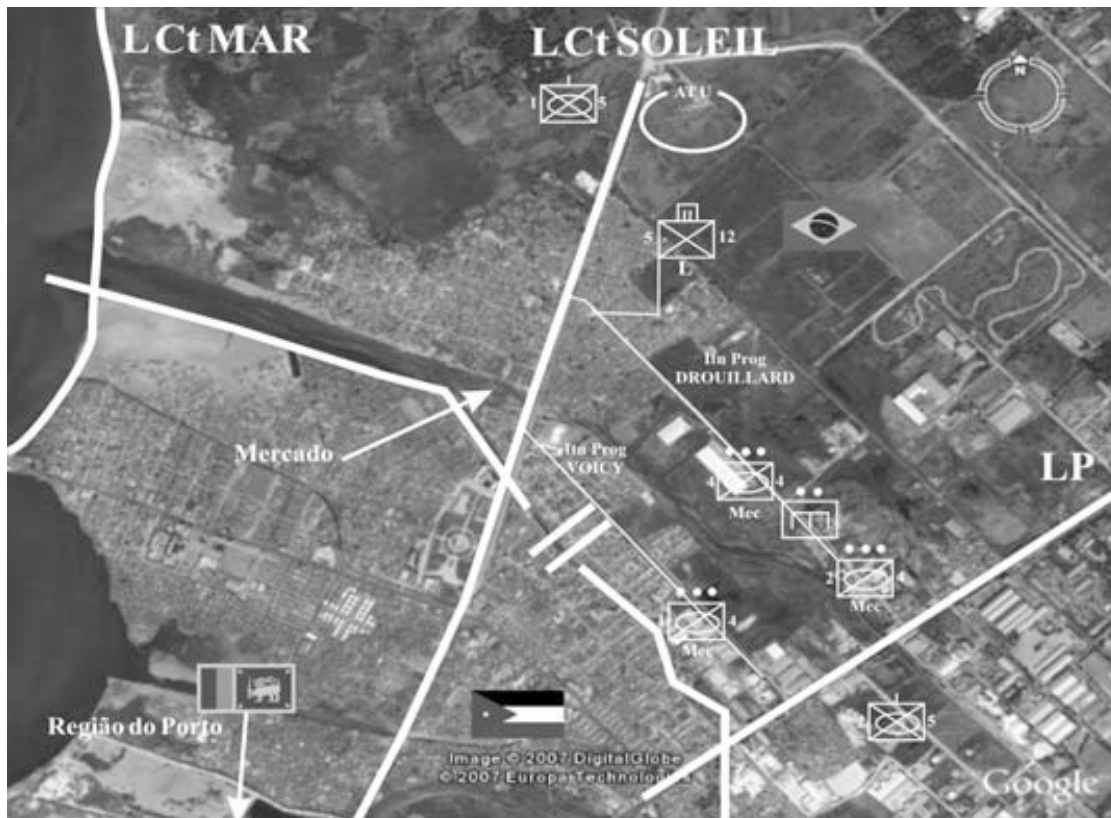
A missão atribuída aos batalhões era a seguinte: ocupar dois postos policiais da Polícia Nacional Haitiana (PNH) até 141400Dez04 (1400 horas de 14 de dezembro de 2004). O batalhão jordaniano ocuparia um posto localizado na avenida Soleil, bem no interior da zona de ação. Ao contingente brasileiro cabia assumir o controle do posto situado na região de Rota Nacional 1, também utilizada como linha de partida para o investimento. Após a ocupação, ficar em condições de estabelecer pontos fortes e patrulhamento na área.

A tropa jordaniana deveria substituir a brasileira em D+1 1400, ou seja, cerca de 32 horas depois do início da operação e assumir a responsabilidade total pela zona de ação.

A reserva foi constituída com uma companhia do Sri Lanka, localizada na região do porto (aproximadamente 2,5 km do local da operação). A intenção do comando da MINUSTAH era assumir o controle da área a fim de restituir a normalidade legal. Além disso, proporcionar condições mínimas de segurança para que a PNH, as unidades policiais da ONU (UNPOL) e as agências humanitárias pudessem desenvolver ações visando à segurança e ao bem-estar da população local. Na expressão do Gen Heleno, Comandante do contingente militar: “esta será a primeira grande demonstração de força da MINUSTAH”.

Conceito da operação

A manobra concebida pelo Comando do Batalhão Haiti foi o clássico investimento em localidade. Consistia na ocupação de posições de bloqueio para barrar os acessos à zona de ação, evitando a saída de pessoal e armamento das forças adversas. Para a realização do investimento foram designadas duas subunidades escalonadas em profundidade, ou seja, uma à frente, outra à retaguarda. Apesar de manter o padrão linear convencional, o planejado não foi a revista sistemática casa a casa, mas sim um vasculhamento seletivo nos locais onde a Seção de Inteligência tinha informações confirmadas ou não de atividades recentes das gangues, locais de reunião e homizio ou depósito de material. A intenção era o emprego da técnica israelense de saturar a zona de ação para que as forças adversas perdessem sua liberdade de movimento e pudessem ser neutralizadas em suas posições.



Dispositivo inicial dos Pelotões de Fuzileiros Mecanizados

Sistema operacional manobra

A operação compreendia quatro fases.

Primeira fase: concentração dos meios na região de Rota Nacional 1. Teria início às 140400Dez04 com a saída da base de combate e término às 140500Dez04 com a ocupação do dispositivo para a transposição da LP. Tarefa crítica seria o estabelecimento de uma segurança inicial para cobrir a reunião dos meios. A responsabilidade desta missão coube ao Esquadrão de Fuzileiros Mecanizados (EsqdfuzMec). O Pelotão de Polícia do Exército ficou responsável pelo controle de trânsito.

Segunda fase: investimento até a linha de controle Soleil (balizada pela rua Soleil 9). Distância aproximada de 1,5 km. Início com a transposição da LP em 140500 Dez04 e término com a chegada à linha de controle Soleil, prevista para 140900Dez04. Tarefas críticas: ocupação do posto policial da PNH e das posições de bloqueio, apoio à mobilidade através do fechamento de fossos anticarro, além do lançamento de uma equipe de caçadores na futura região de PC do Batalhão. O EsqdfuzMec contava com 3 pelotões completos, cada um com 4 VBTP, mais um Urutu como PC tático de subunidade, perfazendo um total de 13 blindados. Devido às condições do terreno, o Esqd desdobrou-se da seguinte forma: 1º Pel à W, pelo itinerário de progressão Voicy (nome da própria rua). O 4º Pel, elementos de engenharia, Comandante de Subunidade e o 2º Pel à E, pelo ItnProgDrouillard. Coube ao 4º Pel a missão de lançar os caçadores e realizar a segurança dos engenheiros.

A 2ª Companhia de Força de Paz (2ª Cia F Paz) deveria seguir à retaguarda. Seguiu completa, com 4 Pel, sendo dois montados em viaturas Land Rover 120 (de 6 a 8 por pelotão) e dois em caminhões (2 por Pel). Sua principal missão era a limpeza de instalações pré-selecionadas e inopinadas de acordo com o desenvolvimento da operação.

A 1ª Cia F Paz apresentou-se a 3 Pel montados em caminhões. Ficou responsável pela ocupação de uma posição de bloqueio, localizada no entroncamento da rua Soleil 9 com a rua Vulcan. Este também foi o local previsto para o desdobramento da área de trens (base logística) da unidade. A responsabilidade da segurança era da 1ª Cia.

Coube ao Pel PE o estabelecimento de mais duas posições de bloqueio na Rota Nacional 1. A reserva do Batalhão foi um Pel da 1ª Cia e ficou junto à área de trens.

Terceira fase: prosseguimento do investimento até a linha de controle Mar (balizada pelo litoral). Distância aproximada de 1,5 Km. Início com a transposição da L Ct Soleil e término condicionado ao pronto da 2ª Cia F Paz de todos os objetivos impostos para vasculhamento ou quaisquer outras posições de forças adversas identificadas na zona de ação. A previsão de término seria 141400Dez04. Tarefas críticas: ocupação da área de trens e neutralização de quaisquer focos de resistência na zona de ação. O EsqdFuzMec deveria prosseguir pelo ItnProg Mercado e Sela, com o 1º e 4º PelFuzMec respectivamente e ocupar posições na L Ct Mar. O 2º PelFuzMec ocuparia posição na região de mercado próxima à L Ct Soleil. Ainda, ficar em condições de reforçar as ações de vasculhamento e ocupação de posições de bloqueio. As demais subunidades prosseguiriam em suas missões.

Quarta fase: ocupação de ponto forte, patrulhamento da zona de ação e preparação para a substituição. Início previsto com a neutralização das posições de forças adversas (141400Dez04) e término com a substituição por tropas da Jordânia e passagem de responsabilidade da zona de ação (151400 Dez04). Tarefas críticas: estabelecimento de bases valor pelotão no bairro de Cité Soleil, divisão de áreas de responsabilidade e preparação para a substituição.

Sistema operacional comando e controle

Havia no Estado-Maior do Batalhão Brasileiro um oficial responsável por este sistema operacional (S6), devido à complexidade das operações e ao grande número de enlaces necessários.

Na operação Liberté, havia um Posto de Comando (PC) recuado na área de trens da unidade, um PC principal no centro da zona de ação, materializado por um prédio que proporcionava bom comandamento e espaço para desdobramento das instalações. Contávamos ainda com um PC tático embarcado em uma aeronave, mobiliado pelo Subcomandante.

Para facilitar o trabalho da 2ª Cia, a Seção de Operações determinou que as viaturas fossem numeradas de acordo com os objetivos que deveriam vasculhar. O posicionamento na coluna de marcha também obedeceu a este princípio, de forma que

os grupos de combate que investiriam nos objetivos mais próximos da LP estivessem posicionados mais à frente, próximos dos blindados.

O emprego dos caçadores se deu de forma centralizada. Eles estavam diretamente subordinados ao Comandante do Batalhão e/ou Oficial de Operações.

Sistema operacional logística

A manobra logística foi concebida a partir da centralização dos meios das subunidades e do batalhão. Formou-se então uma área de trens de unidade, desdobrada próximo à região de entroncamento da Rua Soleil 9 com Vulcan. Ela deveria ser ocupada na terceira fase da manobra tática, devendo estar plenamente operacional em 141200 Dez 04. A segurança das instalações, bem como do fluxo logístico, ficou como encargo da 1ª Cia F Paz.

A função logística de suprimento foi conduzida pelo respectivo pelotão, abrangendo prioritariamente as classes I, V e III, nessa ordem de prioridade. Quanto às refeições, cada subunidade levou um saco de ração AE para o almoço do dia 14 e no jantar do dia D café e almoço de D+1 seria servida ração quente confeccionada na base logística. Foi desdobrado um posto de remunição avançado para suprir as subunidades com munições 7,62 e 9mm, além de cartuchos de borracha para armamento não-letal e granadas de luz e som. Uma viatura cisterna de combustível foi alocada para a operação, uma vez que havia previsão de abastecimento em D+1 de todas as viaturas envolvidas. A estimativa de consumo do EsqdFuzMec em D+1 era de cerca de 2000 l de óleo diesel.

A função logística de manutenção restringiu-se apenas a uma estrutura mínima para a realização de reparos nas viaturas leves, VBTP e no equipamento de engenharia. Uma viatura socorro estava à disposição para qualquer eventualidade.

A função logística de saúde baseava-se nos atendentes dos pelotões, médicos das subunidades e respectivas ambulâncias, posto de refúgio de feridos na área de trens da unidade e hospital de campanha da MINUSTAH, localizado a cerca de 6 km do local da operação. Uma importante inovação adotada foi a criação de uma VBTP Urutu-ambulância para evacuar elementos feridos em melhores condições de segurança. O apoio de saúde não era restrito à tropa, abrangia ainda a população civil e elementos das forças adversas, nesta ordem de prioridade.

Execução

A primeira fase da operação transcorreu conforme o planejado, sem qualquer alteração. Após a transposição da LP, o 4º PelFuzMec informou contato com forças adversas que estavam agravando um fosso anticarro. O Pel desembarcou, repeliu os insurgentes e estabeleceu a segurança para a realização dos trabalhos de engenharia. Enquanto isso, o 1º PelFuzMec também relatou contato com elementos das gangues, além do agravamento da vala no seu itinerário de progressão. A primeira ordem fragmentária (O Frag) da operação foi emitida pelo CmtEsqdFuzMec, informando a

situação a todos os seus elementos e determinando que o 1º Pel retraísse e seguisse pelo itinerário Drouillard.

Assim que os engenheiros terminaram o trabalho, o 4º Pel lançou a equipe de caçadores. Para tanto, houve a necessidade de emprego de uma VBTP para abrir um portão de ferro e possibilitar a ocupação. Os apoios de engenharia permaneceram nessa posição. Nesse ínterim, o Comando do Batalhão determinou o aumento da velocidade, haja vista o avanço jordaniano na zona de ação de W. Dessa forma, a chegada até a L Ct Soleil prevista para ocorrer às 09:00 hs, na realidade se deu às 07:00 hs. A preocupação do comando era que não houvesse um flanco exposto devido à rapidez do avanço jordaniano. Com isso, a autorização para a transposição da L Ct Soleil foi imediatamente concedida.

Quando o 4º Pel atingiu a L Ct Soleil, relatou que estava recebendo fogos da região de mercado. Além disso, um intenso tiroteio teve início na zona de ação jordaniana. Estes responderam empregando seus canhões de 20mm, cujo barulho guarda certa semelhança ao da metralhadora .50. Nesse momento chegou pela rede de comando do batalhão a informação de que a força adversa estaria utilizando este armamento, o que na realidade não se verificou.

A segunda ordem fragmentária do Cmt 4º EsqdFuzMec surgiu da necessidade de intervir no planejamento inicial, uma vez que o 1º Pel ainda se encontrava na região de Rota Nacional 1. Portanto, a ordem era para que o 4º Pel assumisse o ItnProg Mercado, o 2º PelFuzMec seguisse pelo ItnProg Sela e o 1º Pel ocupasse a região de mercado o mais rápido possível.

Enquanto isso, a 1ª Cia F Paz havia informado pequena resistência na ocupação da posição de bloqueio. A 2ª Cia prosseguia conforme o planejado e que estava levando mais tempo e necessitando de mais efetivos do que o esperado para realizar o vasculhamento. Com isso, um de seus pelotões seguiu direto para a L Ct Soleil. Lá chegando, receberam fogoproveniente da região de mercado e de além do canal de W (área da Jordânia). Por não possuírem blindagem, tiveram que desembarcar e se aferrar ao terreno, aguardando ordens.

O 4º Pel(EsqdFuzMec) adotou o grau de prontidão número 3 (escotilhamento completo) e conseguiu ultrapassar a região de mercado sem baixas e atingir a L Ct Mar, informando porém que havia recebido muitos impactos em sua blindagem, tendo perdido dois pneus, e que estava recebendo fogos vindos de W (área da Jordânia) e da retaguarda na região de mercado. Para prevenir o fraticídio, o CmtPel não autorizou a reposta ao fogo de retaguarda e solicitou permissão para atirar na zona de ação jordaniana. A posição era privilegiada e foi essencial sua manutenção devido ao monitoramento de boa parte da zona de ação que ela proporcionava e por negar às forças adversas o retraimento pela região de canal.

Os fogos da região de mercado se tornaram mais intensos a ponto de comprometer o movimento do 2º Pel Mec. Ele passaria devido à sua blindagem, porém a probabilidade de ter baixas aumentaria. Ademais, seria outro Pel a receber disparos pela retaguarda, sem poder responder. O 1º PelMec ainda estava se deslocando pelo ItnProgDrouillard e demoraria um pouco para chegar. A situação era crítica: o 4º Pel isolado à frente ocupando uma posição privilegiada, cuja manutenção era vital para o

prossequimento da operação. A região de mercado se configurando como o maior foco de resistência das forças adversas, o 2º PelMec progredindo com dificuldade. O PC do batalhão começou a receber fogos do mercado e da região de canal (mesmo local de onde partiam fogos contra o 4º PelMec), expondo o Cmt Batalhão e os Cmt da Brigada e MINUSTAH. A 2ª Cia estava decisivamente engajada, enfrentando resistências nos objetivos a serem vasculhados. A 1ª Cia também recebia fogos vindos de fora da zona de ação. A reserva encontrava-se a cerca de 1 km da posição do mercado e teria que progredir a pé em situação tática e demoraria a chegar. Para agravar a crise, foi perdido o contato rádio com o comando do batalhão.

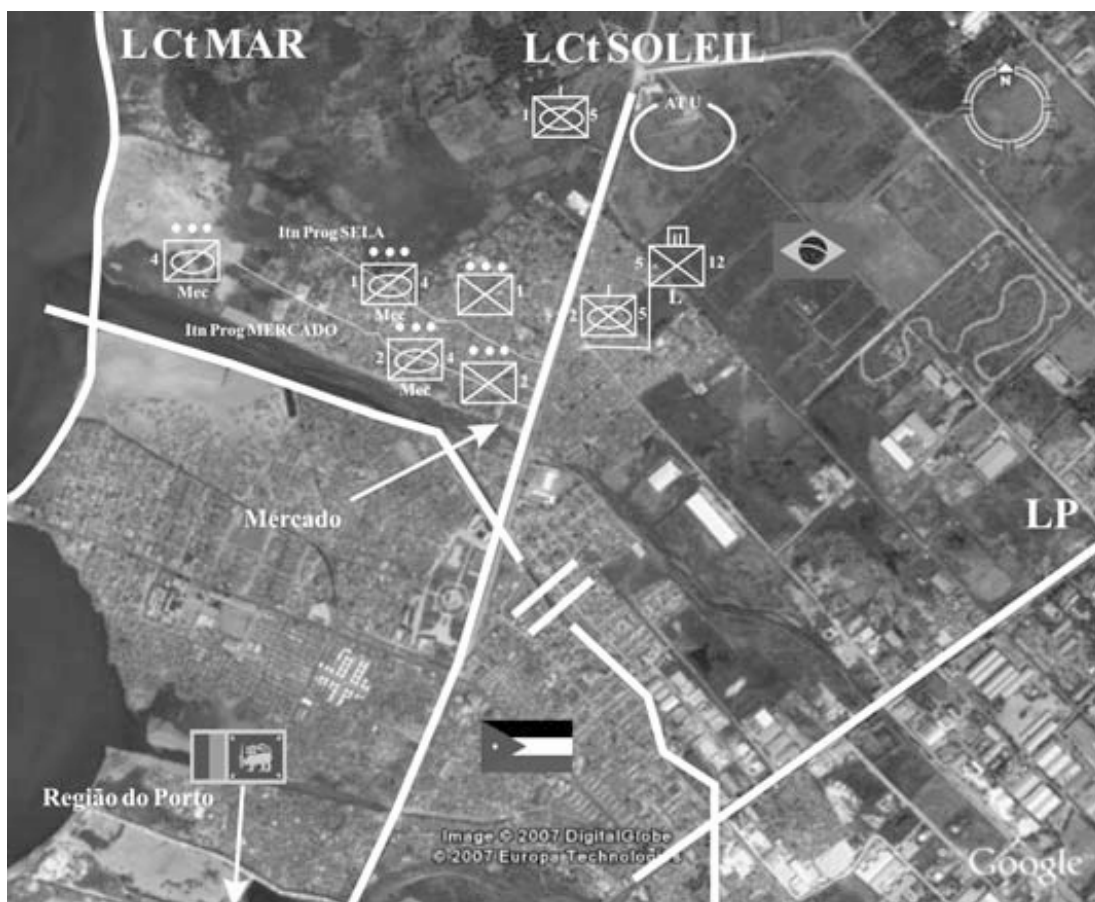
A decisão do Cmt 4º EsqdFuzMec veio através da terceira Ordem fragmentária: **“Esqd atenção! O Frag! Minha intenção é neutralizar a posição da força adversa na região de mercado. Para isso, 1º Pel acelerar o movimento e aguardar na L Ct Soleil, 2º Pel deter o movimento e investir na região de mercado, apoiado por um PelFuz da 2ª Cia, 4º Pel Manter a posição, autorizado o fogo contra a região de canal.”**

Após o ciente das frações, o CapCmtEsqdMec reuniu o TenCmtPelFuz da 2ª Cia (que estava detido aguardando ordens) e do 2º PelFuzMec e coordenou as ações de ambos no investimento. Havia a necessidade de entrar nas casas e ocupar postos de observação a fim de neutralizar aquela posição que estava colocando em risco o sucesso da operação. Para tanto, o PelMec iria à frente até determinada rua e desembarcaria realizando o vasculhamento sistemático e ocupando posições de tiro e observação com suas metralhadoras. Ato contínuo o PelFuzMtz executaria o mesmo trabalho em outro conjunto de casas. Assim que o enlace rádio foi restabelecido, o Cmt Batalhão tomou ciência e aprovou a decisão do CmtEsqd Mec. Determinou (através de O Frag) o apoio direto dos caçadores para a subunidade. O apoio passou a ser conduzido pessoalmente pelo Adjunto do S3, que embarcou no 1º PelMec, quando este passou pelo PC do batalhão na rua Drouillard. Ordenou, ainda, que o PelFuzMtz em reserva revertesse ao controle operacional do Cmt 4º Esqd Mec. A turma de manutenção foi escoltada por este pelotão até a posição do 1º PelMec para reparar uma pane em um dos Urutus (rompimento do cabo do acelerador). Uma vez tendo chegado a L Ct Soleil, o Pel reserva recebeu ordem de seguir peloItnProg Sela, juntamente com o 1º PelFuzMec e atingir a L Ct Mar. A intenção era realizar naquele setor um vasculhamento sistemático. A manobra e os fogos foram coordenados com o Batalhão Jordaniano através do respectivo oficial de ligação que acompanhava nossa tropa. Por volta de 12:00 hs a posição dos insurgentes próxima ao canal foi neutralizada. Com a manobra, as forças adversas na região de mercado ficaram encurraladas, abandonando parte de seu armamento e evadindo-se para a região do litoral, passando por uma região que, pela ausência de um patrulhamento marítimo, não pôde ser bloqueada.



Pelotão de fuzileiros se desloca protegido por VBTP EE-11 Urutu

Às 13:00 hs a situação em Cité Soleil estava sob controle. Entrávamos na terceira fase da operação. Para tanto, o Comandante do Batalhão decidiu formar forças-tarefa valor subunidade. A 2ª Cia deveria ocupar mais uma posição de bloqueio e patrulhar sua zona de ação. A 1ª Cia permaneceu com suas missões originais. A reserva foi reconstituída em sua posição inicial. Ao 4º Esqd coube a segurança do PC principal e de um ponto sensível, o estabelecimento de dois checkpoints e o patrulhamento da zona de ação. Às 17:30 hs, o EsqdFuzMec recebeu ordem de retrain para a base da Brigada no Tabarre e iniciar os preparativos para a operação de desocupação da residência do ex-presidente Aristide.



Situação dos Pel do EsqdFuzMec durante a ação

Ensinamentos

Preciosos ensinamentos foram colhidos com a operação Liberté, tanto na esfera do planejamento, quanto na da execução. A ausência de um patrulhamento marítimo prejudicou o resultado da operação.

Quanto à regulação da manobra, aprendeu-se que o dimensionamento do tempo para as diversas ações poderia ser melhor aferido. Por exemplo, o tempo para a realização do fechamento do fosso anticarro foi bem maior do que o previsto. Importante experiência foi adquirida no tocante ao efetivo e tempo necessários para a realização de vasculhamentos sistemáticos naquele ambiente operacional. Surgiu a necessidade de maior volume de apoio de engenharia.

O emprego dos caçadores foi bastante produtivo, permitindo o engajamento seletivo de alvos e a conseqüente redução de danos colaterais. Entretanto, ainda houve problemas com relação à condução dos tiros. No desenrolar da operação, o Adjunto do S3 e o S6 funcionaram como observadores avançados dos caçadores. Surgiu o questionamento se a melhor forma de emprego seria a descentralização desse meio para as subunidades.

A formação de forças-tarefa subunidade revelou-se bastante eficaz. A situação demonstrou a aptidão dos PelFuzMec para operações de combate às forças adversas em cenário urbano. Pode-se afirmar que os blindados transportavam a tropa com segurança e ampliavam-lhe a capacidade de concentração e dispersão em curto espaço de tempo, favorecendo seu emprego no local e hora que fosse mais adequada ao cumprimento da missão. Quando desembarcados, os fuzileiros realizavam o combate a pé, projetando a tropa para os locais menos acessíveis da zona de ação, sempre apoiados pela sua respectiva VBTP dotada de metralhadora 7,62mm MAG. Devido a essas conclusões, as reservas das futuras operações passaram a ser constituídas prioritariamente por elementos mecanizados.

A VBTP EE-11 Urutu provou estar à altura do desafio, apresentando um excelente desempenho e confiabilidade. Contudo, verificou-se a necessidade de adaptações técnicas tais como aumento da blindagem na parte superior da viatura para proteger o atirador da metralhadora, dotação de um vidro blindado para o motorista para que este pudesse dirigir em boas condições mesmo estando escotilhado, adaptações nas antenas dos rádios, pois elas atrapalharam a progressão em Cité Soleil, bem como a necessidade de revisão do sistema de intercomunicação das viaturas. Durante a fase de planejamento, chegou-se a cogitar a possibilidade de parte das VBTP investirem na zona de ação pelo canal de Cité Soleil, utilizando o sistema de navegação dos Urutus. Essa linha de ação foi descartada devido aos reconhecimentos especializados que identificaram regiões de atoleiro para as viaturas, bem como baixa consistência do solo.

A VBTP URUTU ambulância se revelou uma idéia bastante feliz. No entanto, ainda carecia de adaptações técnicas para que pudesse operar com mais funcionalidade. Entre elas, aponta-se a colocação de 2 leitos, de equipamentos médicos, de cilindros de oxigênio e melhoria da ventilação e iluminação internas.

A demanda por blindagem foi grande. Principalmente para evitar indesejáveis baixas em nossas fileiras. Como o número de blindados utilizados pelo contingente

brasileiro era pequeno, surgiu a necessidade de adicionar proteção blindada às viaturas landrover e caminhões.

A missão ressaltou a necessidade de intensificar a instrução de designação de alvos e objetivos, além de adaptá-la ao ambiente urbano. O tiro das frações elementares também foi incrementado com a realização de treinamento específico para situações de estresse físico e psicológico. O controle de fogos também mereceu maior atenção.

A maior dificuldade do comandante de subunidade era a de filtrar as diversas informações enviadas pelos pelotões, entender a situação, montar um quadro mental do que estava ocorrendo, definir sua intenção e traduzi-la em um comando simples, objetivo e exequível. As ordens eram transmitidas pelo rádio, através de ordens fragmentárias, pelo modelo preconizado pelo Centro de Instrução de Blindados. A correta emissão desses comandos foi de vital importância para o êxito da operação.

O balanço final da operação apontou para o sucesso da missão. Os comissariados da PNH foram retomados e os grupos armados temporariamente desorganizados. Não houve baixas fatais nas tropas da MINUSTAH. O número de civis atingidos pelos tiroteios foi ínfimo e todos receberam o adequado tratamento pela tropa. Significativa quantidade de substâncias entorpecentes, materiais de comunicações, armamento e munição foi apreendida.

Conclusão

A operação Liberté foi a primeira grande demonstração de força da MINUSTAH. Os efetivos envolvidos foram da ordem de 1300 militares do Brasil, Jordânia e Sri Lanka. A resistência das forças adversas foi tenaz, embora deficientemente organizada. Nesta ocasião, a sincronização dos sistemas operacionais, de inteligência, manobra, comando e controle, mobilidade e logística foi testada em uma operação real de combate em área edificada, valor batalhão, empregando três subunidades operacionais e uma de comando e apoio. Preciosas lições foram colhidas. Dentre elas, a importância do emprego de blindados e a formação de forças-tarefas.

Inaugurava-se, assim, uma nova fase para a tropa brasileira, caracterizada por ações complexas de valor unidade, com manobras de subunidade e repleta de situações de conduta. Tudo isso contribuiu sobremaneira para a formação de um sólido espírito de corpo na tropa, além de consolidar a eficiência e o profissionalismo do militar brasileiro.

Finalmente, é importante ressaltar que essas operações criaram condições para o desenvolvimento de uma doutrina que contemplasse as técnicas de intervenção de tropa em conflitos de baixa intensidade. Para tanto, cada contingente vem apresentando significativa contribuição. O Centro de Instrução de Operações de Paz em parceria com o Centro de Instrução de Blindados vêm desempenhando relevante papel de compilação e divulgação das valiosas lições aprendidas em solo haitiano.